

INTERPRETAÇÕES DO TOMISMO ATRAVÉS DA HISTÓRIA*.

David Berger – Editor do ‘Doctor Angelicus’.

Resumo Uma exposição sobre os principais aspectos e inerentes dificuldades na interpretação do Tomismo através da história.

Palavras-chave Tomás de Aquino, Tomismo, interpretação, recepção.

Abstract: An exposition of the principal aspects and inherent difficulties in the interpretation of Thomism throughout history.

Keywords: Thomas Aquinas, Thomism, interpretation, reception.

A tarefa de falar sobre Tomás de Aquino encontra consideráveis dificuldades. Primeira e mais obviamente, há a dificuldade a respeito da terminologia (em alemão ‘Thomismus’; em italiano ‘Tomismo’; em francês ‘Thomisme’; em inglês ‘Thomism’). O termo ‘Tomismo’ simplesmente expressa – como é comum no caso da linguagem romana – a filosofia e a teologia de Santo Tomás de Aquino, como são encontrados em seus escritos especialmente em sua *Suma Teológica*? Ou o termo ‘Tomismo’ expressa – como é usual em linguagem germânica – principalmente a tradição tomista, a chamada Escola de Santo Tomás de Aquino? Nesse sentido há sempre a necessidade de avaliar criticamente a que extensão essas posições estão de acordo com os ensinamentos do Aquinate.

E em segundo lugar, quem deve decidir quais autores incluir entre os ‘Tomistas’? Quando eu compilava recentemente – junto com outros colaboradores – uma lista de nomes que devem ser incluídos no *Léxico de Tomistas*, que estou co-editando atualmente, tornou-se claro para mim, pela primeira vez, como pode ser complicado e carregado emocionalmente estas discussões. O editor alemão da coleção dos escritos de Josef Pieper estava tão chateado sobre o fato de que Pieper tinha sido incluído no Léxico, e

* Este texto foi o resultado de uma comunicação no Congresso sobre Tomás de Aquino, *A Panorama of Current Research on Thomas Aquinas*, ocorrido na Universidad de Navarra, de 25 a 27 de Abril de 2005. A comunicação era intitulada “Interpretations of Thomism throughout History” e foi publicada originalmente, em versão inglesa, num número monográfico da *Anuario Filosófico* ALARCÓN, E. *Thomism Today*. Pamplona: *Anuario Filosófico*, 39/2 (2006), 401-437. Agradeço ao Prof. Dr. David Berger, ao Prof. Dr. Enrique Alarcón, à *Fundación Tomás de Aquino* e à revista do Departamento de Filosofia da Universidad de Navarra *Anuario Filosófico* por permitir a tradução e publicação deste estudo em *aquinate.net*. A tradução é de Rachel Freitas.

conseqüentemente foi considerado um ‘Tomista’, que recusou qualquer colaboração. Um famoso estudioso americano reagiu de uma maneira similar a respeito de Godofredo de Fontaine. Estas discussões ocorrem frequentemente na perspectiva do preconceito – o que ainda é comum – que Tomistas *a priori* são vistos como falsificadores míopes do pensamento autêntico do Aquinate. Nós retornaremos a isto mais tarde.

As dificuldades em falar sobre Tomismo não finalizam com a terminologia, mas envolvem a história, devido ao fato de que até agora não houve nenhum relato detalhado da história da Escola de Santo Tomás. Não é fácil juntar em um único relato detalhado os fragmentos providenciados frequentemente por excelentes estudos de autores individuais desta escola¹.

Somando a estas dificuldades, há o fato que o Magistério da igreja falou frequentemente sobre este tópico e continua a assim fazer². Isto alertou uma discussão na natureza exata do pensamento que a igreja recomenda, uma discussão que ainda continua. Estas discussões são mais complicadas pelo fato de que, especialmente com a geração mais antiga, as medidas disciplinares empreendidas pela igreja com relação a esta discussão (por exemplo, contra F. Marin-Sola ou H. de Lubac) ainda causam reações³.

Apesar destas diversas dificuldades, tentarei na seguinte apresentação esclarecer alguns dos problemas acima mencionados a fim de aproximar o fenômeno complexo do Tomismo.

1. TOMÁS E TOMISMO.

De acordo com o estado atual da pesquisa, o primeiro uso explícito do termo ‘Tomismo’ pode ser achado no começo do século XVIII, e mais particularmente em uma carta de François Fenelon, de 1710. Ele escreve:

¹ Assim: PESCH, O.H. “Thomas Aquinas and Contemporary Theology”, in: Paul van Geest e.a. (ed.), *Aquinas as Authority*, Löwen 2002, p. 128.

² Cfr. Crítica de Pesch a minha aproximação: ib., p. 133 e como um contraste: VIJGEN, J. “Die heutige Autorität des hl. Thomas von Aquin im Licht der Tradition”, in: *Doctor Angelicus* 5 (2005), 5-53.

³ Cf. por exemplo, as estratégias por LOBKOWICZ, N. “‘Vetera novis perficere’. Der Beitrag der (deutschen) Neuscholastik zur Versöhnung der Kirche mit der Moderne”, in: *Forum Katholische Theologie* 20 (2004), 241-256. – Não parece justo qualificar Maritain como um pensador “insignificante” (p. 250). O artigo contém vários erros materiais: por exemplo o conhecido Tomista alemão Ernst Plassmann aparece como “Hermann Ernst Plassner” (p. 244), Suárez recebe um primeiro nome italiano (p. 245), Gustav Siewerth é declarado um típico neo-escolástico (p. 252), sobre Garrigou-Lagrange é dito que ele era o oponente de Hans Urs von Balthasar, que era o mais ocupado com ódio (p. 252), embora não exista uma única passagem em todos os trabalhos de Garrigou-Lagrange no qual ele mencione Balthasar, etc.

“Il seroit à désirer que quelqu’un travaillât à montrer la naissance, le progrès, les variations de ce qu’on nomme ‘le thomisme’”⁴.

O fato é que Fenelon que já está dizendo que “alguém” deve investigar mais profundamente o fenômeno que é chamado “Tomismo”, indica que o termo já era comumente utilizado. Esta aparição relativamente atrasada do termo ‘Tomismo’ não deve esconder o fato de que este fenômeno existiu *avant la lettre*. Desde cedo os seguidores da *opinio Thom(a)e* foram chamados *thomiste* ou *thomatiste*, desde que eles – em contraste com os Escotistas e Nominalistas – expuseram seus ensinamentos *secundum Thomam*. Por exemplo, Arnaldo de Villanova, em 1304 e, pouco depois, o escotista Pedro de Áquila, já tinham feito⁵.

É interessante notar que, durante a época da disputa do *correctoria*, em que a autoridade do Aquinate era ainda altamente disputada, Tomás era claramente distinto de seus estudantes, mas foram permitidos ao mesmo tempo aos defensores da ortodoxia de Tomás refletir os elementos decisivos do ensino de seu mestre em uma forma correta. Assim, por exemplo – como Martin Grabmann, em particular, demonstrou em seus numerosos estudos – a doutrina muito debatida sobre a distinção real entre *esse* e *essentia*⁶. Além deste reconhecimento implícito, há os esforços didáticos dos primeiros Tomistas em relatar a doutrina de Tomás de forma a assistir seus seguidores em resposta às críticas. Deve ser mencionado nesse contexto o chamado *melius dicta*, que objetivava mostrar que as (reais ou falsas) contradições, no imenso trabalho de Tomás, foram o resultado de uma evolução intelectual legítima, e nesse sentido tentou suavizar essas contradições. Os trabalhos desses Tomistas também pretendiam expor claramente e iluminar os elementos centrais do pensamento do Aquinate.

Junto com a crescente reputação de Tomás, primeiro dentro da Ordem Dominicana e depois com sua canonização por João XXII (1323), através de todo o mundo católico, a situação lentamente começou a mudar. Esta evolução é visivelmente clara no trabalho de João Capreolo (a quem retornarei depois): desde a mais primitiva Escola Tomista, progressivamente mais e mais

⁴ FENELON, F. *Oeuvre complète*, Vol. 7, Paris 1851, p. 663.

⁵ Cf. SCHMIDINGER, H. “Thomismus”, in: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, Bd. X, Basel/Stuttgart 1998, 1184-1187.

⁶ GRABMANN, M. “Doctrina S. Thomae de distinctione reali inter essentiam et esse ex documentis ineditis saeculi XIII illustrata”, in: *Acta hib. Thomist. Romae celebratae 1923*, Roma, 1924, pp. 131-190; MANSER, G.M. *Das Wesen des Thomismus*. Freiburg, 1949, pp. 491-560.

estudiosos começaram a ter confiança no Aquinate. Esse desenvolvimento está intimamente ligado à origem dos comentários sobre a *Suma Teológica*⁷.

Supostamente esse hábito foi trazido de Viena para Colônia pelo Dominicano Leonhard Huntepichler (+1478). Já desde a última década do século XVI existiram dissertações interpretativas sobre a *Suma Teológica* em Freiburg e Rostock. Em Paris, o dominicano belga Peter Crockaert (+1514) leu pela primeira vez, em 1507, a *Suma Teológica* em um auditório. Seu aluno espanhol Francisco de Vitoria apresentou a interpretação da *Suma* pela primeira vez em Valladolid, depois em Salamanca. Enquanto fazia, ele atribuiu princípios às grandes tradições de interpretação da *Suma* no escolasticismo espanhol.

Na segunda metade do século XVI, o *status* da *Suma* como livro texto fundamental, enquanto estudo da teologia, ainda era tão difundido que até mesmo para os impetuosos oponentes da escola dominicana – os eremitas agostinianos – foi algo natural na prolixa composição das interpretações da *Suma*⁸. Esse legitimado progresso da autoridade do Aquinate naturalmente precede do fato que seu pensamento foi explicado de diferentes maneiras, conforme o contexto do intérprete. Ao mesmo tempo, todo interpretador tentou mostrar que sua opinião estava mais de acordo com o pensamento do Aquinate.

Como consequência uma variedade de interpretações, vários ‘Tomismos’ surgiram – embora esse fato não esteja explicitado num objeto de estudo naquele tempo. Junto com essas diversas direções no ‘Tomismo’, uma objeção era ouvida, repetidas vezes, particularmente na observação das novas interpretações desenvolvidas, as quais foram diretamente contra o *stricto sensu* do Tomismo, que haviam falsificado da doutrina autêntica do Aquinate ou aplicado incorretamente em suas discussões contemporâneas. Isso lida com o fato de que até mesmo alguém como Martinho Lutero deu ênfase à diferença entre Tomás e os Tomistas:

“An alium habeatis Thomam in Italia et alium in Germania ignoro, nisi forte mihi suspicionem facere vultis, quod nec Thomistae Thomam, nec Thomas Thomistas intelligat”⁹.

⁷ LEINSE, U. *Einführung in die Scholastische Theologie*, Paderborn 1995, 174.

⁸ HORST, U. *Die Lehrautorität des Papstes und die Dominikanertheologen der Schule von Salamanca*, Berlin 2003, 31-33.

⁹ LUTERO, M. WA I, 660, 7-10.

Embora ele obviamente, em sua típica maneira rude, adjetivou ambos de “pregadores do diabo”, “estúpidos” e “porcos”¹⁰.

Quando Pio V, voltando para o fim do Concílio de Trento, declarou o Aquinate como Doutor da Igreja, esse desenvolvimento intensificou: Quase todos os teólogos depois de Trento declararam o Aquinate e identificaram-se a si mesmos, de um jeito ou de outro, como Tomistas. Isso se torna claro na lendária controvérsia sobre a graça, a *controversia de auxiliis*, no qual a interpretação correta da doutrina do Aquinate forma uma parte integral. No início, pelo menos, o lado jesuíta é muito cuidadoso em apresentar uma reclamação à doutrina de Tomás¹¹. E mesmo o termo ‘Banezianismo’, usado para descrever o Tomismo clássico, o qual se apegou estritamente ao ensinamento do Aquinate, é de uma data muito posterior¹². De fato, qualquer um pode ver um significativo desenvolvimento no interior do Tomismo clássico: Em reação às compassivas interpretações de Tomás, acima de tudo pelos jesuítas, tem surgido uma tendência de enfatizar muito mais explicitamente aqueles que desejam seguir Tomás *per omnia et per omnia*. Isso igualmente subentende o afastamento de si mesmo da antiga escola de Tomistas, com respeito àqueles elementos, os quais eram, da perspectiva do Tomismo clássico, não suficientemente diferenciados do Escotismo ou das inovações do Protestantismo e Molinismo (incluindo os seguidores de Suárez).

A autoridade do Aquinate se tornou tão importante que é dito que João de São Tomás jurou firme em seu leito de morte que nas últimas três décadas de sua vida nunca havia escrito ou dito nada, o qual não obedecesse as doutrinas de Santo Tomás. Da mesma forma nós sabemos desde o século XVII, que não poucos Tomistas, como por exemplo, Xantes Mariales de Veneza (1580-1660), considerou Santo Tomás como inspirador e infalível¹³. Consequentemente, o julgamento de estritos Tomistas com respeito àqueles

¹⁰ PESCH, O.P. *Martin Luther, Thomas von Aquin und die reformatorische Kritik an der Scholastik*, Hamburg 1994, 13-16.

¹¹ Molina, por exemplo, apela repetidas vezes a Tomás: “quem veluti scholasticae theologiae solem ac principem sequi discernimus” (*Concordia*, prol., Ed. Paris 1876, II), mas no fim tem que admitir em algumas passagens que difere de Tomás: ib., q.14 a.13 disp. 26, Ed. Paris, 125.

¹² Cf. NORBERTO DEL PRADO, *De gratia*, III, 1907, 427-467: “Utrum Bannezianismus sit vera comoedia a Molinistis inventa”; GARRIGOU-LAGRANGE, R. *Synthèse thomiste* Paris, 1946, p. 689: “Bañez ne dit ici rien de plus que saint Thomas, et l’on voit de mieux que la dénomination de Bannézianisme pour désigner le thomisme classique n’est qu’une mauvaise plaisanterie ...”

¹³ BERGER, D. “Xantes Mariales: Thomistischer Dominikanertheologe (1580-1660)”, in: BBKL XVIII (2001) 859-861.

cuja única adesão a Tomás em um senso mais amplo, ou os quais de fato somente queriam usar seu nome, é absolutamente desagradável. Um outro cauteloso pensador como Billuart supõe que eles querem esconder atrás de seus próprios erros e mau comportamento moral se referindo a Tomás¹⁴.

Enquanto Tomismo em muitas partes da Europa padecia imensamente por causa do Iluminismo e da Revolução Francesa, era restaurado no contexto do Neoescolaticismo – junto com os problemas que mencionamos acima. Isso era intensificado pela encíclica da época *Aeterni Patris* pelo Papa Leão XIII. Uma testemunha contemporânea, o estudioso dominicano Ceslaus M. Schneider, notou naquele tempo:

“Há vinte anos atrás o autor testemunhava como em salas de aula filosóficas as mesmas sentenças, as quais hoje são defendidas naqueles livros escritos ‘de acordo com o pensamento de Santo Tomás’, eram então ensinados como explicitamente mirados contra Santo Tomás”¹⁵.

Como Josef Pieper convincentemente mostrou, o esforço de ler suas próprias teses ‘em Tomás’ e, desse modo, reclamar validade por estas, sustentou no último plano dessa estratégia¹⁶. Isso foi tão longe que, durante aqueles tempos os quais alguém noticiava o começo de um Renascimento Tomístico por toda a Europa, não era incomum falar ao mesmo tempo sobre a “miséria de interpretação sobre Tomás”¹⁷.

A necessidade urgente, portanto, de distinguir claramente entre a doutrina do Aquinate e a doutrina ‘Tomística’ se tornou mais importante. Na linguagem germânica essa distinção é feita pelo uso de termos ‘thomasisch’ ou ‘thomanisch’ (tomasiana) para referir-se a doutrina do Aquinate, enquanto o termo ‘thomistisch’ (tomista) é usado para se referir à tradição Tomística. Não importa como essa exigência era justificada no início, o fato permanece na distorção e falsificação da autêntica doutrina do Aquinate¹⁸. Esse fato não favoreceu a aceitação da distinção por parte dos Tomistas regulares, mas era usado de boa vontade por outros¹⁹.

¹⁴ BILLUART, C.R. *Summa Sancti Thomae hodiernis academiarum moribus accommodata*, Vol. I, praefatio.

¹⁵ SCHNEIDER, C.M. *Die katholische Wahrheit oder die theologische Summe des hl. Thomas von Aquin*, Bd. I, Regensburg 1886, LXII.

¹⁶ PIEPER, J. *Thomas von Aquin*, München, 1986, p. 36

¹⁷ STOLZ, A. “Das Elend der Thomasinterpretation”, in: *Benediktinische Monatsschrift* 14 (1932), 158-161

¹⁸ MARKOVICS, R. *Grundsätzliche Vorfragen einer methodischen Thomaseutung* Rom, 1956, p. 3.

¹⁹ Ver, por exemplo: RAHNER, K. *Gäst in Welt*, Innsbruck, 1939, p. XI.

À luz do fato de que a “história do Tomismo em comparação crítica com o Aquinate não tem sido escrito por filósofos nem por teólogos”²⁰, naturalmente seria completamente errado de imediato concordar ou não com essa distinção, ou criticamente não se relacionar com o preconceito generalizado sobre a distorção do pensamento do Aquinate pelo Tomismo. A qualquer proporção, vale mais a pena agarrar-se no fato descrito por Romanus Cessario: “É evidente que sem Tomás nunca haveria o Tomismo. Mas é também evidente que sem os laboriosos Tomistas, haveria pouco restado de Tomás hoje”²¹.

Em adição, há a introspecção dos hermeneutas, que de acordo com seu entendimento, isso somente é possível pela entrada em uma comunidade de interpretação, a qual transcende o momento do que é entendido aqui e agora.

2. TOMISMO COMO UMA ATITUDE DEFENSIVA CONTÍNUA.

Um aspecto além do qual eu, em vista de uma aproximação do fenômeno do Tomismo, acho importante, é a atitude defensiva, a qual marcou a história do Tomismo. Alguém poderia dizer que essa atitude forma o critério decisivo para a divisão do Tomismo em períodos diferentes, o que agora passou a ser comumente aceito²². Isso também se aplica ao período inicial do Tomismo, durante a disputa *correctoria*, na qual elementos particulares do pensamento do Aquinate tinham de ser defendidos diante da heterodoxia.

Ainda no final das épocas medievais alguém poderia dizer sem dúvida que de um modo geral o Tomismo “estava continuamente na defesa”²³. É bem conhecido que durante esse período não era a Escola do Aquinate, mas sim a *via moderna* do Ockhamismo que estava na posição de líder intelectual. Seguindo o título de trabalho mais importante da escola tomista, o *Libri IV defensionum theologiae Divi Doctoris Thomae* de Aquino de João Capreolo, o qual carrega o honorário título *princeps thomistarum*, o primeiro grande período na história do tomismo é denominado o período das *Defensiones*. O comentário de Capreolo “pode ser definido historicamente como o trabalho mais

²⁰ PESCH, O.H. “Thomismus”, in: LThK X, 156.

²¹ CESSARIO, R. *Le thomisme et les thomistes*, Paris, 1999, pp. 96-97, 117: “Sans Thomas d’Aquin, il est évident qu’il n’y aurait pas de thomisme. Mais il est aussi évident que, sans des laborieux thomistes, il n’y aurait pas grand-chose qui nous resterait de Thomas d’Aquin aujourd’hui”.

²² A respeito da questão desta divisão, ibid.40-53.

²³ PESCH, O.H. *Thomas von Aquin. Grenze und Größe mittelalterlicher Theologie*, Mainz, 1995, p. 29.

significante, o qual a escola tomista produziu para defender a doutrina do Aquinate”²⁴.

Capreolo usa a maior parte de seu trabalho para demonstrar que a alegação de falsificação da doutrina do Aquinate por sua escola é completamente injustificada, e que a doutrina de Santo Tomás “já em seu desenvolvimento original havia impedido e respondido objeções subseqüentes em antecipado”²⁵. Em seu trabalho principal, Capreolo – em um estilo estritamente escolástico – primeiro resumiu o ensinamento do Aquinate relacionando ao problema próximo; então ele apresentou as opiniões dos Anti-tomistas que estavam sendo combatidos (Guilherme de Ware, Pedro Aureolo, Durandus, Duns Escoto, Guilherme de Ockham, João de Ripa, Gregório de Rimini) na ordem de finalmente rejeitar essas opiniões se referindo novamente a citações explícitas do Aquinate. O imenso prestígio das *Defensões* de Capreolo na escola Tomista, mesmo muito depois de sua morte, é demonstrado pelo fato que Hieronymus Fantonus, no século XVI, ter desenvolvido um muito usado *Index in quattuor Capreoli libros* o qual, no início dos tempos modernos, ofereceu um resumo breve das realizações do mais significativo Tomista medieval²⁶.

Essa atitude continua em uma forma modificada durante o século XVI. A defesa do Tomismo contra o Protestantismo de um lado (que havia desconsiderado de uma vez por todas a *via moderna* para os Tomistas), e de outro lado contra o Molinismo e, depois disso, contra a filosofia moderna em geral (a era dos comentários clássicos sobre Tomás e as *Disputationes*), representava um importante papel. Nos séculos XIX e XX isso foi seguido por uma aproximação crítica voltada para toda a filosofia inspirada por Immanuel Kant e, na arena teológica, a batalha contra o naturalismo e modernismo.

Essa atitude estava perto de ser apaticamente julgada como meramente a “combatividade legendária” de uma escola rígida, onde havia mérito por aqueles que desejavam mudar essa atitude defensiva para uma atitude de adaptar o Tomismo a tudo o que parecesse ‘moderno’ em certo período do tempo²⁷.

²⁴ GRABMANN, M. *Geschichte der katholischen Theologie*, ND. Darmstadt, 1961, p. 99.

²⁵ *ibid*

²⁶ Trabalhos semelhantes sintetizando Capreolo foram escritos por Paulo Soncinas, Isidoro de Isolani (1522) e Silvestre Prieras (1497).

²⁷ Ver, por exemplo, as exposições de Karl Rahner: (SzT X, 12): “Aber ich bin überzeugt, dass meine Interpretation richtig ist. Wenn man den hl. Thomas unter dem geeigneten Blickwinkel analysiert, dann ist es ganz klar, dass er ein penseur moderne ist” – “in dieser Hinsicht wäre eine Restauration des bisherigen Schulthomismus und des diesem

Mas alguém pode igualmente considerar essa atitude como boa vontade para empregar o diálogo crítico: tal atitude não simplesmente incorpora esses dogmas de pensamento, que são incompatíveis com o pensamento Tomista. Isso em consequência demonstra que os parceiros de diálogo são levados muito a sério. Considera-se isso mesmo em um diálogo com os dogmas contemporâneos de pensamento daquele momento particular em um alto nível intelectual, e assim fazendo mostrar que isso é capaz de ser entendido na realidade como “a simultaneidade do não-simultâneo” (“Gleichzeitigkeit des Nichtgleichzeitigen”).

Isso poderia significar que a real atualidade do Tomismo revela para ele mesmo sempre que o pareça estranho e oferecendo uma alternativa: sempre que Tomás não puder simplesmente ser construído como um *penseur moderne*, sempre que ele, como antípoda e alternativo ao espírito da época, mostra ele mesmo especialmente prestativo e, em consequência, oportuno; sempre que ele – pelo contrário – romper as plausibilidades superficiais as quais sustentam os teoremas de fé de algum particular, “Zeitgeist”; sempre que sua sabedoria eterna nos coloca em uma dolorosa, mas ainda assim frutífera inquietação, abre violentamente os limites de nossas realizações intelectuais e nos tira de nossas temporárias casas na ordem de nos liderar em direção a “um progresso que ultrapassa tempo e a mudança de perspectivas e períodos na teologia”²⁸.

3. TOMISMO COMO UM SISTEMA DE TEOREMAS.

Finalmente, devemos nos dirigir a outra tensão, a qual marca toda história do Tomismo: a tensão entre uma interpretação a qual procura explorar a ‘essência’ do Tomismo com um particular grupo de teoremas e por isso foca em cima de seu conteúdo material, e outra interpretação a qual identifica a essência do Tomismo com exatas estruturas básicas ou métodos e, em consequência, oferece uma interpretação formal²⁹.

Desde o início da escola Tomista muitos tentaram – especialmente por apologéticas e didáticas razões – identificar a essência do Tomismo por elaborações de teoremas básicos, que poderiam ser entregues às futuras

zugrundeliegenden unmittelbaren und fast naiven Verhältnisses zu Thomas ... ein Verbrechen [sic!] an der Kirche und an den Menschen von heute”.

²⁸ SCHMIDBAUR, H.Ch. *Personarum Trinitas Die trinitarische Gotteslehre des hl. Thomas von Aquin*, St. Ottilien 1995, p. 17. Veja também o que Reginald Garrigou-Lagrange, seguindo Ernest Hello (*Les sens du mystère*, Paris 1934, p. 23) escreve sobre o sábio mestre: “Il nous irrite ... En nous arrachant à nos maisons, pour nous entraîner dans ses domaines, il nous inquiète et nous donne en même temps la paix supérieure ...”.

²⁹ BERGER, D. “Auf der Suche nach dem Wesen des Thomismus”, in: *Angelicum* 79 (2002), pp. 585-645.

gerações. Uma muito popular inflexão literária, além das *Concordantiae* e *Tabulae* era a *Abbreviationes* resumos ou seleções dos extensos trabalhos do Aquinate, que eram apresentados aos estudantes com os elementos mais importantes, o “cerne intelectual da obra de Tomás”³⁰ na melhor ordem, competente e mais rápido caminho possível. Alguns notáveis exemplos são – além de *Compendium Summae theologiae* por Heinrich von Gorkum³¹ – a *Abbreviationes de Prima e Prima Secundae* por João Dominici de Montpellier, que serviu como *poenitentiarius* do Papa João XXII. Os prefácios desses trabalhos mostraram que o autor ciente objetivou resolver didaticamente os teoremas básicos centrais e princípios padrões do pensamento do Aquinate para vantagem adicional a todos aqueles interessados.

De acordo com João, aquelas idéias padrões são como o sal na comida, desde essas verdades incontestáveis, as quais servem como princípios válidos, evitando toda *scientia sacra* de se tornar rasa e insípida³². João de São Tomás, quem nós já mencionamos, igualmente remete repetidas vezes a certos princípios durante seu curso de teologia tomista. Esses princípios, que servem como temas abarcadores, não somente dão uma estrutura clara as diferentes dissertações, mas conecta as mesmas e fazendo isso estabelece o Tomismo com uma síntese perfeita³³. Os princípios têm, na maioria das vezes, a ver com esses elementos os quais são ainda hoje considerados como típicos do Tomismo: a analogia do ser, a doutrina da real distinção entre *esse* e *essentia* nas criaturas, a intrínseca eficiência (*ex se efficax*) das leis divinas e graça, a essencial característica sobrenatural (*supernaturale quoad substantiam*) das virtudes infundidas, a causalidade física dos sacramentos, a enumeração dos atos, *habitus* e potências por seus objetos formais etc..

O trabalho do dominicano Antonin Réginald de Toulouse (1605-1676) exerceu uma grande influência na escola Tomista. Em seu trabalho *Doctrina D.*

³⁰ GRABMANN, M. “Hilfsmittel des Thomasstudiums aus alter Zeit” in: Idem, *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik, Bd. II*, München 1935, p. 428.

³¹ Ele está também preocupado em determinar “as idéias dominantes essenciais de São Tomás”: *ibid.*, p. 443.

³² Comparem a partir de *ib.*, p. 434: “Necessarie rei humanae vite multiformis occupatio imminentis cure pervigil sollicitudo mentem nostram per varia distrahens interius animum minorem reddit ad singula, dum ipsum pariter et manum exterius protendit et indentem facit ad multa. In qua re fit, ut involuta doctorum dicta revolvere etsi libet non liceat nec latentes veritates de oscuro doctorali stilo in lucem producite nec eas dearticulando comprehendere et ordinate memorie commendare. Cum igitur venerabilis doctoris sancti Thome de Aquino ordinis predicatorum perutilis scientia et famosa, que in sue summe quattuor partibus continetur, sit summe necessaria studiosis, sine qua saliente redduntur in sacris exercitiis infatuata eloquia et insipida documenta”.

³³ GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Synthèse thomiste*, Paris, 1946, pp. 54-55.

Thomae Aquinatis tria principia cum suis consequentiis (Toulouse 1670)³⁴ tentou reduzir a completa doutrina de Tomás em sucintos, abarcadores e unificadores princípios.

Seguindo a divisão Tomística de saber especulativo dentro de três áreas de lógica, ontológica e ordem ética, ele determina três princípios básicos:

“Primum Principium illud est, *Ens est transcendens*, Secundum istud, *Deus solus est actus purus*, Tertium, *Absoluta specificantur a se, relativa ab alio* Ex primo, majori ex parte philosophica profluunt; ex secundo, fere omnia Theologica, quae ad speculativam partem pertinent; ex tertio, quamvis pleraque sint philosophica et speculativa, maxima tamen ex parte, moralia consequuntur”³⁵.

Nos livros seguintes, Réginald então mostrou de que maneira esses temas básicos novamente se desenvolvem dentro de uma série de teoremas básicos subordinados. Ele encontrou para o primeiro princípio sozinho uma série total de 978 temas suplementares.

Outro trabalho daquele período, que devemos mencionar por causa de sua originalidade, segue um procedimento similar: *o Praecipuae Divi Thomae Aquinatis materiae in litaniarum rationem redactae* de São Francisco de Borja S.J. (1510-1572)³⁶, o conselheiro do imperador Carlos V. O autor, exaltado por sua rigorosa penitência e seu espírito de louvor, organizou todos os teoremas centrais do Tomismo dentro de nove diferentes ladainhas. Então por exemplo, na ladainha sobre atributos de Deus:

“Miserere nobis; Tu, qui es in te nobis ignotus:
Mis., ... Tu, qui es tuum esse, et tua essentia:
Mis. ... ”³⁷.

Ou na ladainha “de mysterio Incarnationis”:

³⁴ ANTONINUS REGINALDUS, *Doctrinae Divi Thomae Aquinatis Tria Principia cum suis consequentiis ubi totius doctrinae compendium et conexio continetur*, Paris 1878.

³⁵ *Ibid.*, IV.

³⁶ S. FRANCISCI BORGIAE S.J. *Praecipuae Divi Thomae Aquinatis materiae in litaniarum rationem redactae* Ed. par Bertrand de Margerie S.J. (= Studi tomistici 22) Vatikan, 1983.

³⁷ *Ibid.*, 25.

“O anima Christi, quae ut instrumentum Verbi habes virtutem instrumentalem ad omnes immutationes miraculosas faciendas: miserere nobis”³⁸.

Dessa maneira o teólogo desejou oferecer um texto, que iria capacitar o leitor a meditar através de oração contemplativa sobre as importantes idéias da teologia Tomista. O objetivo final consistiu em penetrar dentro da teologia Tomista, assim a luz da ciência iria acender o fogo da verdadeira devoção³⁹.

O Tomismo nos séculos XIX e XX determinou um significativo papel para esta estratégia. No início, os três princípios expostos por Réginald foram aderidos. Cada vez mais, no entanto, surgiu a necessidade de reduzir os muitos temas em um básico teorema. Nós notamos somente os excelentes trabalhos de Norberto Del Prado e Gallus M. Manser, os quais viram, respectivamente, a essência do Tomismo na doutrina da real distinção entre *esse* e *essentia*, e *potentia* e *actus*.

Nesse período o Magistério também absorveu essa interpretação, a qual focava mais no conteúdo material. Mais obviamente, isso é ilustrado nas conhecidas 24 teses da filosofia Tomista, provida pela Congregação de estudos. Em 27 de julho de 1914, o Papa Pio X autorizou essas teses, no qual a Congregação de estudos do Vaticano, por ordem do mesmo Papa, aprovou um número de teses fundamentais como incontestáveis partes da doutrina de Santo Tomás.

Esse documento certamente reflete a necessidade da redução que foi mencionada acima: Não é acidente que as duas primeiras das vinte e quatro teses observaram, respectivamente, o ensinamento do ser como ato e a divisão do ser dentro do ato e potência. A real distinção entre *esse* e *essentia* segue necessariamente dessas duas teses. Desse modo, a doutrina Tomista recebe especial sentido e forma.

Na base dessas teses está indicado, conforme os estudiosos então e agora, que a ‘origem mais profunda’ da síntese Tomista se baseia na idéia do ser enquanto ser, que culmina no *actus purus*, Ser como uma realidade subsistente. Embora não se possa remover da síntese do Tomismo nenhuma das 24 teses sem prejudicar o todo da síntese, não obstante a noção tomista

³⁸ Sobre o papel instrumental da causalidade ver o meu artigo: BERGER, D. “Instrumentum nostrae salutis”. Die Rolle der Instrumentalursächlichkeit im Denken des hl. Thomas von Aquin aufgezeigt an der thomasischen Christologie, Ekklesiologie und Sakramentenlehre”, in: *Angelicum* 82 (2005), pp. 553-574.

³⁹ Cf. O prelúdio da obra: ib., p. 22: “... ut non solum intellectus earum sublimitatem, et altitudinem assequi contentus sit, verum etiam voluntas flagrantissimis divini amoris flammis exardescat ...”.

do ser é a origem vivificante e o elemento unificador de todas as outras teses, o mais básico elemento das fundações do Tomismo. Essas teses, de qualquer maneira, rapidamente encontraram violenta resistência, especialmente dos jesuítas Alemães⁴⁰. As razões para essas reações não era somente certa simpatia pelo Neo-modernismo e a suspeita de que essa iniciativa impusesse um Tomismo estrito em toda Igreja, mas essas reservas eram igualmente marcadas por uma linha de interpretação a qual via o Tomismo principalmente como um método.

4. TOMISMO COMO UM MÉTODO.

Nós já encontramos em João de São Tomás, com toda sua ênfase nos importantes teoremas sobre Tomismo, um esforço em analisar a estrutura básica ou o método do Tomismo⁴¹. Ele procurou a estrutura básica do Tomismo em uma específica interação das quatro causas da filosofia escolástica. Esse esquema forma a fundação para um ‘círculo dourado’, no qual todas as teses do Aquinate são dadas em um espaço específico. Mas seu pensamento, método e conteúdo estão ainda entrelaçados em um relacionamento equilibrado⁴².

No início do século XX, devido à ênfase que Hegel colocou no aspecto metodológico, a necessidade em trazer o método do Tomismo mais a frente estava cada vez mais aparente. No começo do século, o estudioso de Tomás, Rimaud, observa:

“Les mots diversement rangés font un diverse sens.
Pareillement, les mêmes thèses essentielles diversement
rangées font des philosophies diverses”⁴³.

⁴⁰ Cfr. O artigo em: *Stimmen der Zeit* 45 (1914) 11 ff.

⁴¹ Cfr. GRABMANN, M. *Hilfsmittel des Thomasstudiums*, p. 451: “Johannes a Sto. Thoma hat ... im Hauptwerk des Aquinaten mehr das ‘System der Entwicklung’ als das, System der Anordnung’ hervorgekehrt”.

⁴² A SANCTO THOMA, J. *Cursus theologiae in summam theologicam D. Thomae* t.1 (Ed. Vivès, Paris 1883), 191: “Igitur Divus Thomas juxta hanc triplicem considerationem Dei causantis, scilicet ut principium effectivum, ut beatitudo finalizans, ut Salvator reparans, divisit totam doctrinam summae theologiae ... Et sic a Deo in se, et in essendo, per Deum efficientem, et finalizantem, et salvantem, regreditur ad Deum, ut fruendum in se ultima gloria resurrectionis, quod es plane aureum theologiae circulum complere, quem divina S. Thomae summa circumgyrat”.

⁴³ RIMAUD, J. *Thomisme et méthode*, Paris 1925, p. 1. Veja também o que Cardeal Caetano escreve de um jeito parecido com respeito a relação entre ens per essentiam e entia per participationem: “Quoad rem vero, scito quod ista ratio in terminis communibus,

As discussões iniciadas por Marie-Dominique Chenu sobre o molde da Suma Teológica são claramente relacionadas a este movimento.

E os filósofos e teólogos associados com o movimento da reforma no Catolicismo viram no método do Aquinate o elemento singular, que tinha alguma significância contemporânea. O verdadeiro Tomismo consistia na adoção da atitude fundamental a qual era presente no Aquinate: Durante sua vida, Tomás havia revolucionado a teologia na base de novas introspecções oferecidas por outras ciências (assim como o Aristotelismo); igualmente nós temos hoje a tarefa de adaptar o Tomismo a uma nova situação sem dissimuladamente levar em consideração a tradição. Da mesma maneira como Tomás de seu próprio jeito incorporou Aristóteles dentro de seu pensamento sem falsamente levar em consideração as diretrizes da Igreja, a tarefa dos teólogos modernos hoje consiste em incluir os resultados das ciências seculares, acima de tudo a filosofia moderna, dentro da teologia e usando-as como elementos guias. O porta voz deste movimento foi o professor de filosofia Johannes Hessen (1889-1971) de Colônia, que expressou sua teoria em seu livro *Die Weltanschauung des Thomas von Aquin*⁴⁴.

Apesar do óbvio anacronismo subjacente nesta interpretação, permanece mesmo hoje a linha dominante da interpretação em alemão. Contrário, no entanto, a estas um tanto superficiais exposições, o tomista alemão Bernhard Lakebrink, em várias obras realizou profundos trabalhos analisando o método do Tomismo como ‘Analektik’.

A tensão entre identificar o Tomismo com um material maior *versus* uma aproximação metodológica continuou dentro das condutas do Segundo Concílio do Vaticano: Enquanto a comissão preparatória tinha um documento preparado (*De doctrina S. Thomae servanda*), que pressupunha um maior material definidor do Tomismo ao longo da linha de tradição sobre as 24 teses, a encíclica *Studiorum ducem* e importantes exposições de Pio X, Pio XII e João XIII, as objeções contra o documento foram baseadas a partir de uma perspectiva de uma mera aproximação metódica⁴⁵. Os efetivos textos do Concílio, as passagens do *Optatum totius* e *Gravissimum educationis*, então tentaram encontrar um meio termo (*via media*) entre duas direções: os documentos do Concílio não impedem, portanto – como um Tomista

communis est sapientibus fere omnibus; dissensio autem est in expositione terminorum et probationibus.” CAETANO, *In Iam Partem S. Th. Divi Thomae* q. 44 a.1.

⁴⁴ HESSEN, J. *Die Weltanschauung des Thomas von Aquin*, Stuttgart, 1926.

⁴⁵ Para os resumos dessas discussões cfr. GREILER, A. *Das Konzil und die Seminare. Die Ausbildung der Priester in der Dynamik des Zweiten Vatikanums*. Mit einem Vorwort von Paul Augustin Kardinal Mayer OSB (Annua Nuntia Lovaniensia, XLVIII), Löwen 2003, 53-55. 71-74. 115-149. 192-198. 239-301.

minimalista teria favorecido e ainda de certo modo interpreta isso desse jeito⁴⁶ – a autoridade do Aquinate ao domínio da relação entre saber secular e teologia, mas Tomás é também, segundo o Concílio Vaticano II um Mestre “até aonde resolveu questões perenes”⁴⁷.

Semelhante meio termo (*via média*) entre uma aproximação puramente formal, por um lado, e uma determinação material muito sólida sobre Tomismo, por outro lado, é recomendado pelos documentos do recente Magistério, como *Lumen Ecclesiae* e *Fides et Ratio* tanto quanto por vários enunciados do Papa vigente.

CONCLUSÃO: QUAL TOMISMO É ATUALIZADO?

Como indicado no início desse trabalho, nós podemos somente sucintamente delinear alguns dos importantes aspectos da história do Tomismo. Todavia permita-me, como conclusão, perguntar a seguinte questão: “O que restou do Tomismo hoje?” Primeiro de tudo deve ser notado que para o intelectual católico essa questão, dentro do contexto de claras recomendações pelo Magistério com respeito ao pensamento do Aquinate, não pode ser posto de lado.

Sem consideração à supremacia do Aquinate sobre seus intérpretes e sem consideração à justificável questão sobre a grandeza de quais idéias ‘tomistas’ estão de acordo com o Tomás histórico, alguém deve em primeiro lugar não esquecer o imenso valor de um saber exato sobre as interpretações do Aquinate por grandes Tomistas.

Segundo, uma atitude defensiva pode mesmo hoje – como no passado – ser justificada se isso não corre o risco de declarar uma particular interpretação de Tomás exclusivamente válida⁴⁸ ou automaticamente carregar outros pensadores com heresia; mas se renuncia uma adaptação da doutrina de Tomás ao espírito dos tempos, e no lugar de poder fazer o *proprium* de sua doutrina frutífera nessa função como uma alternativa a contemporâneas *aporias*.

Terceiro, parece que o meio termo, o qual o Magistério tomou relativamente ao conteúdo e método, não somente corresponde o mais ao pensamento do Aquinate (*via média*), mas também de um sistemático ponto de vista sumamente inteligível: Uma concepção do Tomismo a qual somente

⁴⁶ So OTTO H. PESCH, *Thomas von Aquin. Grenze und Größe mittelalterlicher Theologie*, Mainz 1994, 34.

⁴⁷ JOSEF NEUNER, in: *2LThk Ergbd. II*, 344.

⁴⁸ Cfr. SERGÉ-THOMAS BONINO, *Discussione sulle relazioni di E. Forment e di I. Biffi*, in: *Doctor Communis N.S.* 1 (2001) 132.



enumera uma série de teoremas semelhantes, de acordo com Jacques Maritain, um atlas anatômico, o qual apresenta um deplorável artefato em vez de um vivificante organismo, em vez de proporcionar uma visão sobre o Tomismo alterada dessa visão⁴⁹. Mas, por outro lado, uma simples categórica definição envolve o considerável perigo de tornar o Tomismo em uma estrutura completamente vazia na qual ninguém consegue registrar sua própria posição e que rotula isso como ‘Tomismo’. Isto poderia ser suicídio para o Tomismo: pois se tudo pode se tornar Tomismo, então nada mais é Tomismo. Como na filosofia escolástica forma e matéria são ambos necessários⁵⁰, então esses dois procedimentos complementam um ao outro para formar um Tomismo integral o qual nós encontramos repetidas vezes em tão fascinante maneira nos trabalhos de grandes representantes do pensamento Tomista e durante a história do Tomismo como um movimento.

Dr.phil. Dr.theol. David Berger
Editor of “Doctor Angelicus”
Manteuffelstraße 9
DE - 51103 Köln
Germany
email: DavidBergerK@aol.com

⁴⁹ MARITAIN, J. *Distinguer pour unir*, XV-XVI : “Ces trois principes contiennent tout le thomisme; mais il faut aussi tout le thomisme pour les comprendre. De sorte que l’ouvrage de Réginald, avec son inévitable morcellement didactique, n’est lui-même par rapport à la doctrine qu’il expose qu’un planche d’anatomie par rapport à un organisme vivant ...”.

⁵⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Metaph*, lectio 2: “Sciendum est autem, quod cum sint quatuor causae superius positae, earum duae sibiinvicem correspondent, et aliae duae similiter. Nam efficiens et finis sibi correspondent invicem, quia efficiens est principium motus, finis autem terminus. Et similiter materia et forma: nam forma dat esse, materia autem recipit. Est igitur efficiens causa finis, finis autem causa efficientis. Efficiens est causa finis quantum ad esse quidem, quia movendo perducit efficiens ad hoc, quod sit finis. Finis autem est causa efficientis non quantum ad esse, sed quantum ad rationem causalitatis. Nam efficiens est causa inquantum agit: non autem agit nisi causa finis. Unde ex fine habet suam causalitatem efficiens. Forma autem et materia sibiinvicem sunt causa quantum ad esse. Forma quidem materiae inquantum dat ei esse actu; materia vero formae inquantum sustentat ipsam. Dico autem utrumque horum sibi invicem esse causam essendi vel simpliciter vel secundum quid. Nam forma substantialis dat esse materiae simpliciter. Forma autem accidentaliter secundum quid, prout etiam forma est. Materia etiam quandoque non sustentat formam secundum esse simpliciter, sed secundum quod est forma huius, habens esse in hoc, sicut se habet corpus humanum ad animam rationalem.”